

Arte e Educação

Ensino Médio

Uma imagem: uma arte, seu simbolismo e alguns apontamentos.

Valdinei José Arboleya*



*O trabalho com a arte
pode favorecer a ampliação
destes olhares mais
contemplativos e menos
etnocêntricos com relação ao
produto cultural e artístico da
África.*



idéia de arte, de uma maneira geral, sempre esteve vinculada a história, a cultura, à sociedade como um todo. Cada produto artístico está conectado à sociedade e a cultura da qual é oriundo e sua contemplação vem associada às idéias de prazer estético, de realização e de função social dadas segundo normas estabelecidas num convívio social, de forma que a sua capacidade de comunicação vai além de suas intenções, pois adquirem significados diferentes na fruição de cada expectador, significados que são constituídos, em grande parte, pelas inferências do círculo cultural a que pertence o indivíduo: “modo de ação produtiva do homem, ela é fenômeno social e parte da cultura. Está relacionada com a totalidade da existência humana” (NUNES, 1991: 15).

Dessa forma, a arte é significada e resignificada por cada indivíduo em cada situação cultural e histórica. Na escola, por exemplo, este aspecto é geralmente experimentado quando se põe crianças e jovens em contato com experiências estéticas e artísticas de grandes mestres da pintura, da escultura, da arquitetura, das artes visuais enfim, da literatura, todos historicamente situados como produtores de seu tempo. É importante registrar aqui que as experiências estéticas e artísticas da cultura popular, embora não sejam produtos de um único artista, devem também ser apresentadas dentre as demais experiências como produtos históricos da arte. Dessa forma, busca-se trabalhar em todos os níveis a modificação da rede de significados que envolvem a arte e a caracteriza erroneamente como produto unicamente europeu ou descendente dele, parafraseando Antonio Candido, uma produção que possui um vínculo placentário com as culturas européias. (CANDIDO, apud SANTAELLA, 1995: 49).

O trabalho com arte na escola implica na compreensão e abordagem deste aspecto da história da arte mundial, contudo, justamente por se pretender uma arte mundial é que a escola não pode se restringir a apresentar e apreciar a produção européia e americana, mas proporcionar o contato e a experiência com a arte de outras culturas cujo domínio técnico e intenção estética são tão bem

elaborados quanto nestas variando apenas as conexões sociais e culturais de cada povo que determinam em maior ou menor grau a contemplação e a função da arte em cada cultura, para Fischer (1976: 16), a despeito de situações sociais distintas, toda arte é produto de seu tempo e sua cultura e em todas há uma expressão de sentimentos razões que vão além de seu tempo, como uma “verdade permanente” que exige predisposição para contemplá-las e conhecimento cultural relativista.

Assim, a escola deve proporcionar, além do contato com a arte de outras culturas, uma reflexão ética estética baseada em posicionamentos relativistas. Trabalhar produtos e produtores artísticos fora do círculo América – Europa é uma tarefa que exige do profissional de educação não só uma imensa abordagem relativista como um conhecimento muito grande a cerca da produção de outras culturas. A arte africana é uma destas experiências estéticas que exige pesquisa, sensibilidade e relativismo. A imagem, por exemplo, faz parte de um ritual onde a criação artística envolve múltiplas linguagens; é um fato cotidiano da vida cultural dos meninos Yaka, uma cerimônia de iniciação em que se



manifestam geralmente idéias sobre diferenças de gênero, no caso desta máscara, “os olhos salientes estão circulares como a lua, relatando o ciclo lunar e, indiretamente, aludindo para o papel das mulheres” (CLARKE, 2006: 149. Tradução minha).

Performance mascarado fazendo parte de uma cerimônia de iniciação YaKa nKhanda. Fotografado por Eliot Elisofon, 1951. (tradução minha). CLARKE, 2006: 149.

Encaremos, por conseguinte a situação a seguir. Observando atentamente a imagem acima, exposta no mural de uma escola e considerando -a a partir de uma informação recebida de antemão de que se tratava de uma cena comum da cultura africana que denotava uma produção artística, um aluno interpela seu professor em tom de profundo estranhamento:

“Professor, por que é que ele usa esta coisa horrível? Vai dizer que isso é bonito? Que é arte?”

O professor poderia encetar a partir deste questionamento um longo discurso enfatizando a celebração da diversidade aclamada pelos PCN's ou apelando por uma reflexão mais ética e menos etnocêntrica. Assumamos agora, nós mesmos, a função explicativa deste profissional. Cientes de que há a necessidade de uma postura livre de preconceitos e relativizada que deve ser assumida primeiramente como ser humano e sujeito social e depois, efetivamente como profissional de educação, arte educador ou não, pense sobre qual deveria ser a resposta correta ou mais indicada.

Recordemos então um conhecido exercício que pode dar continuidade à cena até aqui narrada. O que seria mais conveniente ao professor responder:

- 1 () Vai ver que o dono da máscara iria para um baile a fantasia.
- 2 () Por que você acha que não é bonito?
- 3 () O que necessariamente você está chamando de coisa?
- 4 () O que é arte para você?
- 5 () Isso é comum na cultura africana.

6 () Na África a arte visual está intimamente ligada às performances, aos rituais e ao corpo do artista.

Considerando que a arte é fundamentalmente uma técnica: *Ars, artis*, palavra latina da qual a nossa derivou, corresponde ao grego *tékne*, que significa todo e qualquer meio apto à obtenção de determinado fim (NUNES, 1991:17) e que sua significação é dada pelas infinitas interpretações conferidas pelos expectadores e pelos construtores dela, alheios ou não a técnica que envolve sua constituição, dediquemos nossa atenção a refletir brevemente sobre duas das

alternativas que podem a meu ver, serem consideradas como indicativos de uma postura reflexiva diante do fato: *Por que você acha que não é bonito? O que é arte para você?* Ao assumir um papel de investigador, devolvendo a questão antes de saná-la, o profissional pode mostrar-se mais interessado pelo aluno do que quando limita essa oportunidade dialógica em aplicar uma resposta ideal. E interessando-se mais pelo seu ponto de vista ele conseguirá mais facilmente apreender sua crítica, seus preconceitos e suas dúvidas encetando, aí sim, uma crítica com olhares relativistas e não etnocêntricos.¹

Voltemos então, nossa atenção para alguns apontamentos importantes a cerca da arte, em especial a arte africana e a confecção das máscaras. Em primeiro lugar, não é de fato uma tarefa fácil para ocidentais compreender a relação integrada e expressiva da arte em outras sociedades e agrupamentos culturais:

As artes, nas condições da cultura euro-americana, foram dissociadas da corrente principal da vida. A criação artística é função do especialista, enquanto que a apreciação do que esses especialistas criam é privilégio dos que, pelo menos, dispõem de ócio para se dedicar à sua vocação (Herskovits, 1964: 178).

Nas culturas africanas, como em tantas outras comunidades autóctones e outros grupos culturais primitivos, não existem distinções dessa ordem, pois a arte é uma parte da vida e está presente em todas as questões utilitárias do cotidiano. Isso, contudo, não significa a inexistência de artistas especializados, serve -nos de exemplo, a alta habilidade de culturas africanas no desenvolvimento da fundição de metais que originaram obras como as magníficas esculturas em bronze e terracota, as famosas cabeças de bronze de Ife, descobertas na cidade africana ioruba de Ife, na África Ocidental em 1938, as de Benin, na África Ocidental

¹ Os conceitos de Relativismo cultural e Etnocentrismo são desenvolvidos segundo a abordagem de: DAMATTA, R. Relativizando: uma introdução à antropologia social. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

cultura famosa no mundo da arte pelo domínio do bronze e das gravações em marfim e ainda as esculturas modeladas em argila dos artistas da cultura Nok, norte da Nigéria, feitas entre 500 AC e 200 DC. (Idem, p. 185 a 202).

A arte de confeccionar máscaras é uma destas especialidades da arte e da cultura africana capaz de gerar ao mesmo tempo uma reflexão em torno da forma da arte e os meios em que ela se expressa, onde não há nenhuma preocupação puramente utilitária, que permita caracterizar essa arte apenas como princípio de culto ritual e nem puramente contemplativa, mas sim uma expressão artística que tem a função de cumprir uma posição ritual para um grupo e que é ao mesmo tempo uma expressão do desejo de beleza determinado pelas tradições do povo, cujas percepções e recursos imaginativos padronizados são executados por membros artisticamente dotados de cada sociedade:

Onde a arte caminha a par com a vida, como ocorre em todas as culturas ágrafas e em muitos estratos das demais sociedades, e sbanjar-se-á virtuosismo técnico nos objetos de uso diário, muito mais do que possa ocorrer com as formas classificadas como arte “pura”. Mas qualquer que seja a forma que a arte possa adotar, qualquer que seja sua manifestação, o fato está presente. Nenhuma arte, que na verdade o seja, é casual ou rudimentar. É expressão do desejo de beleza (HERSKOVITS, 1964: 215).

O processo de constituição estética é também um processo de aprendizagem da arte de valorizar a diferença. Todo professor e toda escola sabe que é preciso incentivar o respeito à diferença e este trabalho deve ser permanentemente interdisciplinar. O trabalho com a arte pode favorecer a ampliação destes olhares mais contemplativos e menos etnocêntricos com relação ao produto cultural e artístico da África.

A arte africana é um reflexo fiel das histórias, dos mitos, das crenças animistas e da filosofia que marca a trajetória peculiar de cada cultura ou nação deste continente. A riqueza desta arte pode ser apreendida sob muitos aspectos e se encontra revelada, sobretudo, pela abstração e pelo naturalismo.



Máscara Yaka, do século XIX – XX, na República Democrática do Congo; coleção: Michael C. Rockefeller Memorial Collection, doação de Nelson A. Rockefeller, 1979.

Os detalhes desta máscara Yaka, da República do Congo, datada entre os séculos XIX e XX, por exemplo, revelam não apenas uma sutileza manifestada pelo naturalismo assimétrico da composição, mas também uma convencionalização da face humana que possui uma significação dada por definição cultural, isto é, enquanto procuramos criar aproximações analíticas, funções

realistas e convencionalistas para a obra a partir de nossas definições culturais, para os que convivem com ela e fazem dela parte de um evento artístico, qual seja uma cerimônia de iniciação, trata-se de uma forma de ocultar seu usuário ao mesmo tempo em que o ornamenta sem necessariamente buscar com isso convencionalismo realista de intenções representativas.

Foi criada para ser usada durante cerimônias de iniciação de meninos Yaka, composta em madeira entalhada com rafia, junco, pigmento e tecido. Os rituais de iniciação são em sua maioria envolvidos num conjunto de linguagens artísticas do qual a máscara, como produção artística visual é um composto essencial. O mascarado, ao mesmo tempo em que se oculta, está também se tornando centro das atenções por sua *performance* corporal enfatizada pelo uso da máscara. (CLARKE, 2006: 148/9).

O trabalho com máscaras pode auxiliar na compreensão de muitos hábitos culturais de culturas africanas pelo fato de patrocinar experiências importantes sobre o modo como o produto artístico, neste caso a máscara, é

confeccionado, isto é, os elementos naturais de que se vale na composição artística e o que eles revelam sobre usos e costumes locais para que se possa dar a arte africana o devido tratamento em termos de referência ética, estética, técnica e cultural favorecendo a transposição das mesmas impressões e leituras para as produções artístico-culturais afro-brasileiras.

PARA SABER MAIS:



CLARKE, Christa. The Art of Africa: A Resource for Educators the metropolitan museum of art. New York: Metropolitan Museum of Art, 2006.

DAMATTA, R. Relativizando: uma introdução à antropologia social. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FISCHER, Ernest. A Necessidade da Arte. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

HERSKOVITS, M. J. Man and his Works: antropologia cultural. São Paulo: Mestre Jou, 1964. t.II.

NUNES, B. Introdução à Filosofia da Arte. São Paulo: Ática, 1991.

SANTAELLA, Lúcia. Arte e Cultura: equívocos do elitismo. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

* **Valdinei José Arboleya** é pós graduando em História e Cultura Afrobrasileira e Africana pela União Pan-Americana de Ensino com pesquisas em arte, literatura infantil e etnicidade. Professor de Arte em projetos sociais e de Educação Infantil, exercendo, na cidade de Toledo, no Oeste do Paraná.
E-mail: vjarboleya@hotmail.com

